

ZÉ POVINHO

JORNAL DA ARRAIA MIUDA

PUBLICA-SE CONFORME AS NECESSIDADES

PREÇO 100 RS.

N. 1

31 DE DEZEMBRO DE 1879

N. 1

ARTIGO DE FUNDO

O *Zé Povinho* é um jornal como qualquer outro e por isso também hade deitar o seu artigo de fundo como outro qualquer.

O *Zé Povinho*, porém, tem grande amor á verdade, é rude e sincero e para que não digam que quer impingir gato por lebre vai logo dando os nomes aos bois.

Ahi está pois, porque no alto deste se lê *Artigo de fundo*, ao contrario do que fazem esses outros *orgãos da opinião* que chamam artigo de fundo ao pedaço de rhetorica, mais ou menos banal, que despejam logo no principio da primeira columna, o logar menos *fundo* que pôde haver em qualquer jornal.

O nosso ao menos é o que é, e, para que não haja enganar, levou o distico logo á entrada.

Mas, dizia o *Zé Povinho*, que hade deitar sempre o seu artigo de fundo, a respeito dos negocios da publica governança, e uma vez que o accaso fez com



que o *Zé Povinho* fosse quasi gêmeo do imposto do vintem, usando da sua autoridade de mais velho, vem tambem metter o seu bedelho nesta contenda.

Antes, porém, de metter o bedelho no vintem do imposto, o *Zé* tem de fazer o seu programma, ao qual espera ter occasião de faltar, como acontece a todos que têm a ingenuidade de fazer um programma.

O *Zé* é *povinho* e ha de fallar como tal.

Se o não quizerem ouvir, elle não ha de se queixar, porque a muito *graúdo* tem acontecido a mesma cousa.

Como politico, o *Zé* não é, nem conservador, nem liberal, nem republicano.

O *Zé* tem a consciencia de que seja qual fôr o nome que tomem os homens que o governem, elle ha de ser o pagador de tudo aquillo que não goza e de que gozam os outros que não pagam como elle.

Por isso o *Zé* não é, nem conservador, nem liberal, nem republicano.

O *Zé* é o *Zé*, é o que os estadistas quando estão de cima chamam *Canalha*, e quando estão por baixo a *Soberania Nacional*.

Mas o *Zé*, porém, conhece-os, já tem callo na canga, por lhe puxar ha muitos annos o carro triumphal, e por isso hoje já não se deixa levar por cantigas.

O *Zé* tem a respeito dos seus estadistas de todas as côres politicas uma opinião de espelunca.

Para elle, os politicos de hoje, são como um baralho de cartas sebento e gorduroso, com manchas pelas costas, manchas que as fazem conhecidas d'Aquelle que manda o *parceiro* embaralhá-las; mas que as

conhece pelas nodos, tantas são as vezes que lhes passam pelas mãos.

Ora *Aquelle*, com a grande, é S. M. o Imperador, e o *parceiro* é esta choldra a que se resolveu chamar corpo eleitoral, naturalmente por uma fina ironia da methaphysica constitucional, porque de outro modo não se explica o nome de corpo, dado a uma simples barriga.

Por tanto o *Zé* em politica tem este partido—não ter politica.

* * *

Feita esta profissão de fé; como fazem os Fagundes, ao subirem pe'a primeira vez a tribuna, o *Zé* vai dizer quatro cousas e meias a respeito do vintem e do imposto.

* * *

O *Zé* tem perdido muitas noites a coçar a cabeça e a pensar n'este negocio, que ao que parece, tem dado e continúa a dar que fazer, mais aos caetes da policia, do que aos financeiros do paiz.

Mas, por mais que o *Zé* tenha puxado pela intelligencia não lhe é possivel comprehender o que quer toda essa gente que grita contra o imposto do vintem.

Talvez haja algum tão ousado que venha dizer que o que essa gente quer é não pagar.

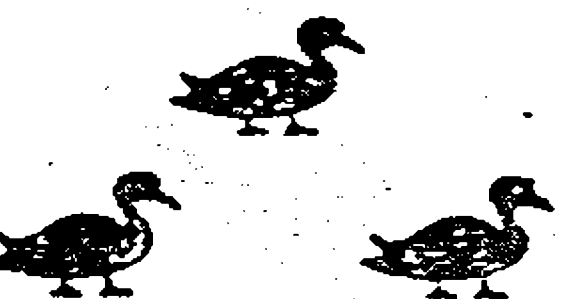
Mas quem lhe impede que o faça? E' alguem obrigado a andar de bond?

Não é.

Pois então deixem-se de luxos e resolvam-se a andar a pé como o Zé, que prefere gastar mais seis vintens com o sapateiro, do que dar tres ao fisco.

Ahi está, o conselho que dá o

ZÉ POVINHO.



O POVO E O REI

E' voz publica, e já tem sido denunciado pela imprensa, que o governo do vintem, conserva de promptidão as forças de mar e terra.

A grandeza da medida levanta no espirito publico dolorosas interrogações. Ha algum inimigo que nos bate as fronteiras? Trama-se nos trevas alguma conspiração contra o throno? Corre perigo a vida do rei?

Não: trata-se apenas de cobrar o imposto Kélé.

O apresto bellico, explica-se porém, logicamente, por uma fatalidade dos governos monarchicos.

O rei não póde subsistir quando ha forças vivas no paiz. Um pronunciamento da opinião toma para elle as proporções de um attentado. Elle precisa ter o reinado solitario da tenia no organismo, para sugal-o e de-pauperal-o.

Foi assim em todos os tempos. Quando Luiz XI cemplicando as suas forças com a má fé e a dissimulação, dá combate ao feudalismo, falla-na unidade da França, mas tem por fim unicamente augmentar a prerogativa real.

O braço de Carlos o Temerario, fazia sombra á corò do rei; manda-o cortar.

A nobreza do duque de Nemours assusta-o, fal-o desaparecer.

A altivez da nobreza inteira causa-lhe terror. Abre, portanto a banca da corrupção e derrama um dilúvio de libras nas mãos dos fidalgos e faz a espada de contestavel premio da baixeza e da venalidade.

Não admira que o Sr. D. Pedro II lance actualmente mão de todos os meios para matar a força viva, que principia de romper através do abatimento nacional.

Luiz XI, apesar de herdar o seu throno á Anna de Beaujeu, a quem o rei perverso considerava « a mulher menos doida que conhecia », teve entretanto necessidade de lançar mão das armas e da corrupção para garantir-lhe o throno. Não é, pois, muito que o Sr. D. Pedro II, que não póde dizer o mesmo de sua filha, lance mão de eguaes armas.

O throno do Brazil é um producto alluvial, não tem raizes na consciencia nacional. Nasceu de uma incoherencia dos fundadores da nossa nacionalidade e está demaís disso bloqueado pela alma republicana da America. Para consolidar-se, portanto, precisa de maximos esforços, extremas decisões.

D'ahi o continuo appello ao thesouro e ás armas. D'ahi esse leilão de consciencias, que invalidam no nascedouro os homens que sobem ao governo, e esse ar sempre carrancudo para com o povo. O ouro e o sangue do povo são egualmente necessarios para que não se esborõe, a um choque da opinião, essa construção ridicula, feita com a lama do Ypiranga e cozida com a ambição dos Andradas.

Os reis, porém, frequentemente se enganam; o apogeu da sua força coincide quasi sempre com a vertical da queda.

Da luz brilhante do zenith parte um plano perpendicular para o nadir.

E' o que hoje acontece ao Sr. D. Pedro II. O exercito e armada nacional conhecem já as manhas desse governo de emboscada, desse despotismo anemico, que vive de canja e se aconselha com a frivolidade dos banqueiros fallidos.

Talvez dentro em pouco, o astuto discipulo de Fr. Pedro, tenha de repetir a phrase de seu pai no torreão:— todos me abandonaram.

Um dia, Meunier, grande patriota francez, disparou um tiro sobre Luiz Philippe, tiro que não attingio o alvo.

— Attenda, disse o rei ao adulator Dupin, atiraram ainda uma vez contra mim.

— Não, Sire, respondeu o adulator; elles atiraram sobre si mesmos.

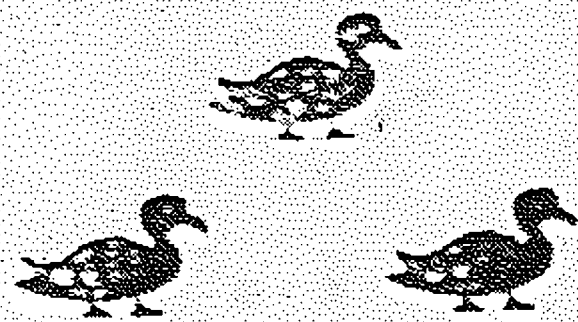
O exercito brasileiro ha de certamente repetir esta phrase, não para adular o rei, mas para honrar a historia brasileira.

O soldado brasileiro não é senão o povo armado.

Atirar contra o povo será o mesmo que suicidar-se. Elle o sabe: Se der forças ao arbitrio, amanhã a mão insensata que o tem ferido na bolsa e na honra, que em paga dos sacrificios dá-lhe o desprezo e a preterição, fará d'elle um escravo, servindo-se do povo contra elle.

Póde o governo do vintem appellar para as armas nacionaes ; o povo não tem medo.

As espadas e as espingardas do exercito e da armada não se mudárão em armas de suissos, para proteger a emboscada de bandidos.



SITUAÇÃO DO CACETE

O cacete foi encorporado ás nossas instituições ; fez-se o quinto poder constitucional.

E com uma vantagem sobre os outros.

Cada poder é obrigado a ficar dentro da esphera, que lhe é traçado por lei. Quando exorbita, as opposições ferozes e temerosas proclamam aos quatro ventos a infracção. O *Zé* faz roda, commenta, ri, atordôa, pinta a manta. O ministro, o imperador, o juiz, o fagundes maior ou menor, sentem-se mal, zangam-se como se estivessem sentados sobre um formigueiro.

O cacete, porém, faz e desfaz a lei sem possibilidade de protesto. Invaide a esphera dos outros poderes, sem que entretanto se dêm conflictos de jurisdicção. Faz-se juiz e condemna summariamente os reus á pharmacia, ao medico, ao ponto falso, ao per-chlorureto de ferro, ao cemiterio.

Faz-se legislador e impõe o regulamento do *Camarádinha* e do seu compadrê, e o que mais é obriga o pas-ageiro á concorrer com o vintem. Faz-se eleitor e manda para a camara deputados de *primo c rtello*. Depois, achando que elles não fizeram bastante reformam arbitrariamente as leis dando-lhe bastante latitude para explorar o publico favor dos amigos do poder executivo. Faz-se finalmente imp-rador, e, cego, medonho, entesado, rasga da constituição o direito de representar.

Vê-se no cacete, além de uma *instituição liberal*,

uma tradição da familia bragantina. O cacete é D. Miguel, tremendo e ameaçador, correndo apóz dos pedreiros livres, para agarral-os, moel-os, matal-os.

E o cacete tem razão de ser tradicional para os Braganças. E' a arma da brutalidade espessa, dispensa a tactica ; joga-se com a facilidade com que se deita á rua um copo d'agua. Os Braganças são homens para essas armas.

D. Pedro I servia-se frequentemente do cacete. Foi com elle que aggreo á noite, no meio de um solo, o temido *Malaqueta*. Era com um grande cacete na mão que elle sahia a noite embuçad'o n'um capote negro, com um chapéo de Chile desabado.

O filho não podia renegar as tradições do pai e do tio. Por isso mesmo acceitou tambem como uma arma de policia, como um instrumento, o cacete, o bello cacete das mattas de Petropolis, muito lustrado, com uns largos veios negros, no macisso amarellado.

O *Zé* applaude este prócedimento do segundo reinado. Acha que elle devia ser sagrado pela lei. Havia duas vantagens : diminuia-se a verba do armamento e demais d'isso....

O *Zé* pensa que não vem muito longe o dia em que ha-de ajustar contas. Está moido ; malham-o todos os dias por tudo e por todos, e em toda a parte. Malham-o na fé, pelas susperstições as mais baixas, apoiadas pelo governo; na intelligencia, fechando-lhe as esolas; no moral, supprimindo-lhe as officinas publicas para mandar fazer obras fóra; na algibeira, augmentando-lhe barbaramente os impostos, que presentemente veio tapar-lhe até o.... assento.

Neste ajuste de contas é bem que as armas sejam iguaes, para que a lucta se a leal. E o *Zé*, vendo que a situação liberal, resurreiç o dos tempos miguelistas, quer entronisar o cacete, applaude-a sinceramente ao vêr que finalmente chegou-se a instituição do páu.

Bons tempos, felizes, tempos. O cacete é o complemento necessario da gazúa.

